

Compositor residente na Temporada de Música Gulbenkian 2012-2013



Marc-André Dalbavie – um retrato musical

A experiência internacional e a brilhante carreira de Dalbavie abriram-lhe as portas de importantes instituições e geografias

DR

O compositor Pedro Amaral apresenta neste texto o músico e as obras que podem ser ouvidas: São quatro concertos com a Orquestra Gulbenkian, um deles dirigido pelo próprio Marc-André Dalbavie e um pela Gustav Mahler Jugendorchester.

“As cores são a música dos olhos, combinam-se como as notas.”

Eugène Delacroix, *Diário*

Marc-André Dalbavie, nascido nos arredores de Paris em 1961, será compositor residente na Temporada de Música Gulbenkian que agora começa.

Músico notável, as notas biográficas dão conta de uma formação sólida e brilhante. Após uma aprendizagem musical iniciada na infância, ingressa aos 19 anos no Conservatório de Paris (CNSM) onde permanecerá durante 6 anos, obtendo diplomas numa série de disciplinas, da Composição à Análise, da Orquestração às Novas Tecnologias electroacústicas.

Desde o seu último ano no Conservatório inicia os seus trabalhos no IRCAM, onde, até finais da década de oitenta, irá aprofundar a aprendizagem dos meios electrónicos. Nunca se tornará verdadeiramente um aficionado do estúdio: “Foi através da orquestra e do mundo acústico que me tornei, talvez, um músico puramente electrónico. (...) Este universo sonoro toca-me bem menos pela matéria que pela invenção”. A formulação é ambígua, e reflecte uma ambivalência historicamente repetida em compositores que, transpondo directamente as leis da escrita para o plano da composição electrónica, sentiram dificuldade e desconforto em operar uma matéria sonora que resiste a uma simples aplicação dessas leis. As incursões da electroacústica na sua obra (*Diadèmes*, para viola, ensemble e electrónica, e

os longos *Seuils*, para soprano, ensemble e electrónica, ambas realizadas no IRCAM) far-se-ão, assim, no cruzamento dos dois territórios – o acústico e o electroacústico – partindo sempre do paradigma instrumental.

Dalbavie conhecerá entretanto Pierre Boulez de quem se tornará um dos raríssimos alunos de direcção de orquestra. A prática da direcção permitir-lhe-á, não apenas colocar-se na perspectiva do intérprete, mas, sobretudo, desenvolver uma visão pragmática sobre a acuidade da escrita orquestral; não se tornará um maestro de repertório, mas essa acuidade da escrita, esse transpirar da experiência de maestro para o acto composicional, constituirá uma das marcas fundamentais do seu estilo e da sua técnica, e fá-lo-á conquistar rapidamente o interesse das grandes orquestras internacionais. É também essa acuidade, esse brilhantismo da escrita que lhe permitirão aceder, desde 1996, ao prestigioso lugar de professor de Orquestração no Conservatório de Paris.

Entretanto, acumulará distinções e residências artísticas. Em 1994 é um dos três galardoados com o prémio Ernst von Siemens (outro deles, nesse mesmo ano, é Luca Francesconi, a quem a Fundação Gulbenkian dedica um concerto no início da temporada); em 1996 conquista o Prémio de Composição do Festival de Páscoa de Salzburgo e, dois anos mais tarde, o *USA Today* declara-o Jovem Compositor do Ano.

A experiência internacional multiplica-se e a sua brilhante carreira abri-

lhe-á as portas de importantes instituições e geografias: residirá em Berlim (DAAD) e em Roma (Villa Medici), e associar-se-á como compositor, sucessivamente, à Orquestra de Cleveland, à Orquestra de Minneapolis, à Orquestra de Paris e, ao longo da presente temporada, à Fundação Gulbenkian: entre Novembro e Março, teremos oportunidade de ouvir, distribuídas por cinco programas de concerto, uma série de peças do compositor francês, todas escritas na última década, e às quais se acrescentará ainda, como uma oferta simbólica, a estreia de uma orquestração, por Dalbavie, de algumas canções de Debussy.

Cronologicamente, pelas datas de composição, o retrato começa com *Sextine Cyclus*, um conjunto pequenas peças escritas a partir de poesia trovadoresca dos séculos XII e XIII, e estreadas no ano 2000 pela Orquestra de Minneapolis e a soprano Joanna Mongiardo. (Nos concertos da Gulbenkian, um contratenor substituirá a soprano na linha vocal.) É uma peça peculiar, embora não isolada no catálogo de Dalbavie, onde melodias medievais, magnificamente orquestradas, são sujeitas a uma série de colorações e desfocagens, como se nos fosse dado a ler um pergaminho de tempos feudais através de lentes modernas, com um brilho pós-impressionista.

Seguem-se duas peças orquestrais escritas em 2001 e 2002, *Color* e *Rocks under the Water*, nas quais teremos oportunidade de admirar a transparência da escrita sinfónica e a eficácia do gesto. Umberto Eco fez-nos obser-

var que o título de uma obra ficcional deve ser ambíguo. *Color* explora, justamente, uma duplicidade curiosa entre a denotação directa da palavra (a peça assenta numa notável profusão de *colorações*) e a complexa ressonância histórica que lhe subjaz. Porque, por um lado, “color” é um termo medieval que indica especificamente a dimensão melódica, opondo-se a “talea” (dimensão rítmica) nos motetos da Ars Nova, no século XIV, e cuja técnica foi recuperada por Messiaen em pleno século XX, influenciando as gerações de compositores franceses que se lhe seguiram. Mas, por outro lado, “Talea” é também o título de uma admirável peça de Gérard Grisey – um mestre do espectralismo e predecessor directo de Marc-André Dalbavie. A ambivalência do título, na espessura dos significados possíveis, evoca, deste modo, tanto a denotação directa da palavra (em inglês norte-americano), como os inalienáveis ecos históricos que, com ironia e cultura, se lhe associam.

A peça propõe uma alternância entre momentos de uma pulsação rítmica absolutamente imperiosa, e momentos nos quais, literalmente, perdemos a noção do tempo, da triagem do tempo, e os objectos sonoros se inscrevem numa temporalidade “lisa”, aparentemente (mas só aparentemente) liberta da contagem linear. Boulez não está longe...

Com meios orquestrais muito semelhantes, *Rocks under the Water* foi escrita por encomenda da Orquestra de Cleveland para a inauguração do extravagante e magnífico Peter B. Lewis Building, desenhado por Frank Gehry, tendo a estreia da obra sido marcada por uma disseminação espacial dos diversos grupos instrumentais pelas várias partes do edifício. Não é difícil as-

sociar, por analogia, a interpenetração das linhas arquitecturais (que valeria a pena projectar, em pano de fundo, no próprio momento do concerto...) aos grandes gestos orquestrais da peça.

De 2006 ouviremos duas obras: em Novembro, o Concerto para flauta, escrito para o flautista suíço Emmanuel Pahud e para a Filarmónica de Berlim, caracterizado por uma escrita fulgurante e permanentes efeitos de brilho instrumental, ora focando ora desfocando o gesto em impressões de luz; em Dezembro, ouviremos as *Variações orquestrais sobre um tema de Janáček*, onde a morfologia musical característica do mestre checo – que por vezes emerge na escrita dos metais, por entre a evanescência dos objectos harmónicos – é totalmente digerida pelo vocabulário de Dalbavie, e a construção sinfónica atinge píncaros notáveis de invenção orquestral.

Os *Sonnets*, estreados pela Orquestra Nacional de Lyon e pelo contratenor Philippe Jaroussky em 2008, e *Melodia*, estreada pela Filarmónica de Nova Iorque em 2009, são peças que, ao mesmo tempo, confirmam e desenvolvem as características estilísticas das obras anteriores. Nos *Sonnets*, sobre versos da poetisa quinhentista Louise Labé, veremos desenvolver-se amplamente a ideia mestra do *Sextine Cyclus*, entre uma linha melódica “arcaica” e uma leitura através de lentes contemporâneas, com toda uma proliferação permanente e admirável de desfocagens e estereoscopias. Em *Melodia* vemos como Dalbavie leva longe a sua arte da coloração, propondo repetições permanentes dos mesmos gestos e reconfigurando de cada vez as constelações tímbricas que os animam. Reduz a morfologia a combinações elementares. Sobrevém a cor.

“Músico notável, as notas biográficas dão conta de uma formação sólida e brilhante”